

PIMENTEL, Maria de Mesquita

*Em treze cantos: epopeia feminina em recinto monástico.*

*O Memorial dos Milagres de Cristo de Maria de Mesquita Pimentel.*

Edição, estudo e notas de Isabel Morujão (coord.), Antónia Fialho Conde e Maria do Rosário Morujão. Colaboração na transcrição de Ana Reis, Ana Teresa de Sousa, Maria Teresa Oliveira.

Porto: CITCEM; Évora: CIDEHUS; Coimbra: CHSC, 2014. 486 p. ISBN: 978-989-8351-33-3.

ANTÓNIO CAMÕES GOUVEIA

CHAM-FCSH/NOVA-UAc; CEHR-UCP

Maria de Mesquita Pimentel (1586-1663), a cisterciense natural de Évora (p.52), que foi escritora (p.49) no Mosteiro de São Bento de Castris, naquela cidade, e autora de três livros da “vida do senhor” (Pe. Manuel Fialho, *apud* p.46), dos quais o primeiro foi logo impresso em 1639 (p.80), só agora tem publicado o segundo, aguardando-se a edição futura do terceiro.

“O códice 406 da colecção Manizola da Biblioteca Pública de Évora”, escreve Rosário Morujão, “é um manuscrito seiscentista em papel que conserva a única versão conhecida dos dois poemas inéditos da trilogia épica que Soror Maria de Mesquita Pimentel dedicou à vida de Cristo, cujos primeiros 292 fólhos são ocupados pelo Memorial que ora se dá à estampa.” (p.60).

Os 292 fólhos do *Memorial dos milagres de Cristo* é composto por uma dedicatória (p.80), um prólogo (p.80/84) e treze cantos, cada um deles introduzido por uma estrofe de argumento e constituídos respetivamente por 86 (Canto I, p.85/114), 103 (Canto II, p.115/151), 102 (Canto III, p.153/187), 93 (Canto IV, p.189/221), 96 (Canto V, p.223/256), 76 (Canto VI, p.257/283), 72 (Canto VII, p.285/309), 94 (Canto VIII, p.311/342), 80 (Canto IX, p.343/371), 93 (Canto X, p.373/404), 78 (Canto XI, p.405/432), 84 (Canto XII, p.433/461) e 69 (Canto XIII, p.463/486) estrofes de oito versos, num esquema rimático ABABABCC (p.167).

Lembre-se que Maria de Mesquita Pimentel quis escrever uma trilogia épica da Vida de Cristo, tendo sido editada a Infância (1639), agora a relação dos Milagres (2014) e a terceira parte, que continua inédita, corresponde à Paixão. Em qualquer das três, Infância, Milagres, Paixão, a marcação de contexto intencional é dada pela palavra “memorial”, clara na etimologia e na capacidade definitória. Tornar digna de memória, tornar memorável a Vida de Cristo! Escolha acertada para a dimensão épica que se quis construir, que se enquadra no elogio do Cristo-Salvador, de Infância humana e divina, que os Milagres e a Paixão podem e conseguem documentar e gravar na memória e consequentes práticas devocionais das(os) leitoras(es) e/ou ouvintes, o que Isabel Morujão deixa subentendido no seu estudo intitulado “sob o signo da cavalaria: memórias” (p.8/12).

Esta segunda parte do poema épico tem por tema de fundo os milagres referidos ao longo dos quatro Evangelhos como aqueles que compuseram a vida pública de Cristo, “quando trinta anos tinha já cursado” (I, argumento, v.4, p.85). De forma resumida, o per-

curso do herói-Cristo ao longo da sua “terreal ... jornada”, recompondo Gil Vicente (*Copilaçam ...*, Auto da Alma, 1508. Lisboa: INCM, 1984 [1562], vol.I, p.178 e 179), passa por episódios escriturísticos que Maria Mesquita Pimentel escolheu, aconselhada por quem? a partir de que referentes de leitura? como prática de concretização das suas devoções?, sobre os quais se escreve poeticamente. Temas que aqui poderiam ter tido algumas linhas de aproximação, pois Isabel Morujão já os abordou em vários estudos seus e, sabemos, orienta neste momento o trabalho doutoral de Geise Kelly Teixeira da Silva centrado na trilogia, que desde já aguardamos e que irá permitir ir mais longe na sua análise. Mas algo é inultrapassável, a relação imediata, discursiva e de magistério, encerrada no texto neotestamentário. Senão, vejamos.

O momento de partida, no Canto I, é o do batismo de Cristo e da revelação pública pelo Pai da sua realidade divina. Só assim se permite e justifica toda a construção seguinte a propósito da capacidade de milagre existente na relação Pai-Filho. [Mt 3, 13-17].

O Canto II, o mais longo, trata o jejum de quarenta dias de Cristo no deserto e a Sua tentação pelo “espírito maligno” (II, argumento, v.5, p.115). [Mt 4, 1-2; Mc 1, 12-13; Lc 4, 1-2].

No Canto III a narrativa constrói-se em torno da conversão da água em vinho por Cristo nas bodas de Caná, por intercessão “de sua mãe querida” (III, argumento, v.5, p.153). [Jo 2, 1-11].

É com a pesca milagrosa e a expulsão dos “tratantes” do “templo de seu pai, puro e sagrado” (IV, argumento, v.6 e 8, p.189) que se elabora a versificação do Canto IV. [Mt 21, 12-13 e Lc 5, 1-11; Mc 11, 15-17; Lc 19, 45-46; Jo 2, 13-17].

Por sua vez o Canto V transporta as(os) leitoras(es) e ouvintes até à ressurreição da filha de Jairo, à cura da hemorroíssa e do paralítico. [Mt 9, 18-25 e Jo 5, 1-9].

No Canto VI relata-se a ressurreição do filho da viúva de Naim e o momento em que Cristo “sobre as águas do mar vai passeando” (VI, argumento, v.4, p.257). [Lc 7, 11-17 e Mc 6, 47-52; Jo 5, 16-21].

O Canto VII tem por argumento a multiplicação dos pães e o saciar da fome de “cinco mil homens no deserto” (VII, argumento, v.8, p.285). [Jo 6, 1-15].

A conversão de Mateus o “publicano” (VIII, argumento, v.3, p.311) e o episódio do rico publicano Zaqueu dão corpo ao Canto VIII. [Mt 9, 9-10 e Lc 19, 1-10].

São ainda casos de arrependimento e de conversão, como os de Mateus e de Zaqueu, que enchem as estrofes do Canto IX. Desta vez o destaque é no feminino, são duas mulheres, a samaritana e a adúltera que, com base no Evangelho de João, prendem a atenção de Maria de Mesquita Pimentel. [Jo 4, 4-27 e Jo 8, 1-11].

Avança num crescendo a poesia épica da cisterciense. O Canto X “um milagre sem par singulariza” pelo que a monja “não quis que fosse aqui outro algum junto” com o da “conversão da Madalena” (X, argumento, v.2, 5, 8, p.373). O tema, tão querido das artes literárias e visuais dos tempos pós-tridentinos, ganha um destaque evidente desde os primeiros versos do Canto. [Mt 27, 56-61; 28, 1-10; Mc 15, 40-41; 16, 1-11; Lc 8, 1-3; 23, 49; 24, 1-10; Jo 19, 25; 20, 1-2, 11-18].

Ao Canto XI são acometidas as narrações da cura do surdo-mudo e da filha da mulher cananea tidos pelo demónio sob tormento e, ambas, a partir dos relatos de Mateus [Mt 9, 32-34; 15, 21-28].

Quase a concluir, no penúltimo Canto, o XII, trata-se a transfiguração de Cristo no Monte Tabor [Mt 17, 1-9; Lc 9, 28-36].

Por fim, o Canto XIII, o último e o mais curto em número de estrofes, tem como tema, forte e único, a ressurreição de Lázaro, como que a antevisão num homem, em resultado de mais um milagre, do momento final do ato de salvação de todos os homens pela ressurreição de Cristo. [Jo 11, 1-14].

Como se pode constatar, há toda uma racionalidade gradativa e finalista nos *exempla* humanos recolhidos do corpo neotestamentário. Esta construção literária converte a literata epopeia num campo de meditação e de vivência sentimental da religiosidade, de particularidades femininas e de claustro. Todas estas imbrincadas temáticas necessitam de um estudo aprofundado, de forte metodologia comparativa, em que se possa entender melhor os mecanismos de interior/exterior, o fora e o dentro das paredes monásticas, que o mesmo será dizer a receção e fixação de formas de orar, meditar e de eleição de modelos paradigmáticos.

O trabalho de edição, introdução e algumas notas deste texto, resulta do esforço de três investigadoras, Isabel Morujão (que coordenou), Antónia Fialho Conde e Maria do Rosário Morujão, das universidades do Porto, Évora e Coimbra, membros de centros de investigação distintos, o CITCEM, o CIDHEUS e o CHSC, centros que, em conjunto, assumem esta importante coedição. O projeto merece, desde já, uma nota positiva por esta produção interuniversitária. A segunda nota vai para o conjunto das jovens investigadoras-paleógrafas, Ana Reis, Ana Teresa de Sousa e Maria Teresa Oliveira que participaram nesta extensa transcrição de texto.

Quanto aos critérios de transcrição e edição do texto podem deixar-se duas notas. A primeira para salientar que se adotou, considerando que se querem alargar os públicos destinatários, uma “edição interpretativa” (p.70), que se explica claramente nos seus contornos técnicos (p.70/71). A segunda, refere-se ao enunciar analítico-exemplificativo de um conjunto de 51 critérios editoriais pré-definidos (p.71/77), mas aferidos com as realidades de escrita do manuscrito e cotejados com a parte impressa em 1639 (p.71).

A edição agora apresentada merecia três cuidados adicionais de que fica a sugestão.

O primeiro, o da anteposição a cada um dos Cantos de um texto de síntese dos seus conteúdos, construção argumentativa e a correlação com aqueles que o antecedem ou sucedem. O argumento de Maria de Mesquita Pimentel que inicia cada um dos Cantos permite apenas a perceção dos conteúdos, o que sempre orienta o leitor.

O segundo, o alargamento das notas explicativas de rodapé, juntando àquelas de justificação de algum critério excecional na fixação textual, métricas e mitológicas outras sobre aproximações ou hipóteses intertextuais (apenas algumas referências a Camões) e de remissão escriturístico-teológica e patrística, para além daquelas de temática cristológica com reflexo na literatura espiritual da época.

O terceiro, ainda que de extensão e morosidade assinalável, o que contradiz muitas vezes a premência e a oportunidade da realização destas edições, a melhoria que seria um conjunto de índices remissivos capazes de ajudar a busca e localização de nomes, lugares, referências bíblicas e literárias, implícitas ou passíveis de virem a ser aprofundadas e estudadas, para além de temas/descriptores de linhas de narrativa e de afirmação catequético-dou-

---

trinal. Este trabalho pode ainda vir a ser concretizado aquando da edição da terceira parte da trilogia, mas devendo já conter os elementos da reedição da primeira parte.

São muito interessantes as referências aduzidas por Maria do Rosário Morujão sobre o percurso de posse das partes que compõem esta trilogia, denotando colecionadores, livreros e posse de livro em espaço monástico (p.60/61). A composição, a várias mãos, mas com um plano aparentemente pré-estabelecido (p.61/62) merece comentários a que estamos pouco habituados no campo da codicologia e das “características materiais das páginas” (p.68) e que permitem entrever possibilidades de qualificação a não negligenciar em estudos de percurso dos manuscritos e dos manuscritos ao impresso.

No centro deste *Memorial* está uma autora seiscentista alentejana que se pode conhecer melhor recolhendo informações de evidenciar a partir da introdução de Antónia Fialho Conde. Deve-se ressaltar o cuidado posto na inclusão da escrita deste longo poema na de outras religiosas de casas de diferentes ordens sitas à época em Évora (p.67/68). Depois, a relação de preocupações com as narrativas, suas autoras, suas razões, conteúdos e possíveis leitores(as) que não deixam de se enumerar e apontar como hipóteses a abordar ou já estudadas (p.48). De Maria de Mesquita Pimentel poucos documentos internos da ordem subsistiram que se lhe refiram. Nada se sabe do seu dote e apenas aparecem referências enumerativas e pouco ou nada descritivas dos seus desempenhos como escritã, priora e deputada (p.49). Um cuidadoso e meticoloso percurso de investigação documental em livros paroquiais, levado a cabo com êxito por Antónia Fialho Conde, permitiu confirmar a data do seu nascimento e apadrinhamento, assim como de seus irmãos, como a participação clientelar no grupo local de proximidade aos Condes de Basto. Ao mesmo tempo, por dedução de outros casos femininos, aventa-se a hipótese de que a sua parentela e participação naquele círculo social terão sido responsáveis pelo “acesso à cultura e à escrita” (p.53), o que veio a beneficiar a vida de Cultura com que deparou em Castris, vida essa que se pode constatar nos autores e livros que então faziam parte da coleção que constituía a livraria das religiosas (p.53/54). Tais dados podem facilitar uma compreensão mais precisa do campo de produção das três partes que constituem o seu impresso e manuscritos.

O ponto 2. *Da visualidade narrativa* (p.13/35) de Isabel Morujão tem como qualidade não só tocar um tema muitas vezes abordado, mas poucas vezes trabalhado, o que aqui se faz com minúcia comparativa de relevar. Se é possível a sugestão de aproximação à “textualidade” das imagens narrativas do jesuíta belga Herman Hugo (1588-1629) nos *Pia Desideria...* (1624) (p.13), dando conta de uma comunidade de necessidades de exposição transposta em comunidade de leitura, resulta pouco clara a compreensão da circulação e receção da obra pois, a mesma, não consta do elenco da livraria de Castris (p.14). Por outro lado, como seria de esperar, a presença dos *Emblemata...* (1531 ... 1550) de Alciati (1492-1550) também não é de desprezar como se mostra ao longo das páginas (p.29/35). Aos limites apresentados pode replicar-se, com validade, afirmando a parcialidade e os critérios da fixação destes índices das livrarias monástico-conventuais, a existência de livros nas celas das freiras que não terão sidos arrolados... todo um conjunto de realidades que permitem falar da distância que vai entre o livro referido e o livro existente, que estudos da própria Isabel Morujão e de Olímpia Loureiro têm tratado.

Em parágrafo claro e problematizante (p.23) Isabel Morujão coloca o problema de fundo das relações imagem/*inscriptio* e sua descodificação pelo olhar dos leitores. O tema é extensível a muitos outros casos participantes desta época mas importa referi-lo pelos limites sociais e intelectuais de saberes que levanta e pelas realidades de aproximação ao texto que encerra. A este propósito é de citar o parágrafo final deste subtema tal como abordado por esta investigadora: “Todo este percurso parece suficientemente elucidativo da comparação recursiva que marcou o século XVII: *ut pictura poesis*. Aliás, a transição dos elementos discursivamente adequados a uma das artes pela outra arte esclarece eloquentemente acerca da contaminação metalinguística entre a pintura e a poesia, que se queria “pintura muda”. Nesse sentido, é recorrente e significativo o léxico de Soror Pimentel, que reiteradamente alude a *píncel, tinta, traslado, pintura, pintor, cores*, etc., no desejo de presentificação visual do objecto representado.” (p.34/35).

A defesa da mulher, nas suas qualidades de crente e na sua relação com o divino merecem uma atenção à autora seiscentista e alguns comentários de índole problematizante e de integração conjuntural a Isabel Morujão. Esta defesa da mulher leva mesmo a investigadora a falar de uma leitura possível de algumas passagens mais assertivas como “estrofes em clave de género” (p.40), logo se explicando, “ser cristã, amada por Cristo, afigura-se como a chave da igualdade ou da dignidade para a mulher (...) Estes cantos evidenciam uma consciência de género.” (p.40). Além disso, as qualidades culturais e intertextuais de dimensão feminina presentes no *Memorial* permitem avançar mais um pouco na compreensão e “reavaliação do papel e do dinamismo da cultura na clausura feminina em Portugal na Idade Moderna.” (p.41).

Concluindo. A edição do *Memorial dos Milagres de Cristo* de Maria de Mesquita Pimentel merece, pelos cuidados referidos, uma referência de validação de qualidade, em primeiro lugar. Depois, sem qualquer secundarização, o aplauso que devem merecer edições críticas e cuidadas de textos. Textos como este não estão esquecidos mas são pouco disponíveis e divulgados por não fazerem parte do *corpus* das “obras consagradas” e, por isso mesmo, tantas vezes “gastas” e “reutilizadas” quando outros, como é o caso, poderiam dar mais variações de autoria, escrita, conteúdos sociais e geográficos, relações institucionais e culturais, criando mais e mais adequadas variações de compreensão das realidades do passado.

Pela sua característica de epopeia de cariz religioso-ascético e catequético, a edição do *Memorial* torna-se da maior importância e possibilita o enriquecimento dos saberes religiosos literatos, cistercienses, locais e femininos, ao mesmo tempo que pode permitir uma revisão dos conteúdos e do cânone literário da épica em Portugal.

Agora, com o esforço destas investigadoras e das jovens paleógrafas, está nas mãos das unidades de investigação, CITCEM, CIDEHUS e CHSC, concluir a empresa, vindo a publicar a terceira parte e a reeditar aquela impressa em 1639, criticamente e com os mesmos critérios que as duas anteriores.